

Mudanças geracionais e identificação partidária

Warren E. Miller
Arizona State University

Resumo

O autor discute a natureza da identificação partidária e conclui que sua caracterização como uma soma corrente de influências de curto prazo na sua formação e mudança subestima profundamente a estabilidade da identificação partidária. O argumento é que o período entre o início dos anos 60 e meados dos anos 80 produziu efeitos geracionais que alteraram os parâmetros básicos da política nacional americana. O autor estuda a influência das últimas três décadas no envolvimento político da geração mais jovem e encontra que a geração pós-New Deal contribuiu para a diminuição do partidarismo do eleitorado, para o declínio nacional do comparecimento e para o realinhamento das bases sociais dos partidos Republicano e Democrata.

Palavras-chave: identificação partidária, geração política, política americana

Abstract

The author discusses the nature of party identification and concludes that its characterization as a running tally of short-term forces that influences its formation and change profoundly underestimate the stability of party identification. The argument is that the period from the early 1960's to the mid-1980's has produced generation effects that have altered the basic parameters of the American National politics. The author studies the influence of the events of the past three decades on the political involvement of the younger generation and the finds that the post-New Deal generation contributed to the diminishing of the partisanship in the electorate, to the national decline in turnout and to a realignment of the social foundations of Democratic and Republican parties.

Keywords: party identification, political generation, American politics

Introdução

O debate sobre a natureza da identificação partidária - suas origens e conseqüências - tem sido informado por uma série de contribuições. Algumas foram predominantemente conceituais ou teóricas (BECK, 1974; CONVERSE e PIERCE, 1985); a maioria combinou modelos analíticos a elaborações conceituais ou reconceptualizações (CONVERSE, 1976; PAGE e JONES, 1979; CONVERSE e MATKUS, 1979; WEISBERG, 1980; FIORINA, 1981; FRANKLIN e JACKSON, 1983; MILLER, 1992); outras ainda se apoiaram fortemente em inovações em medição (CARMINES, MCIVER e STIMSON, 1987; GREEN e PALMQUIST, 1990; MATTEI e NIEMI, 1991) ou na exploração de fontes de dados únicas (JENNINGS e NIEMI, 1968 e 1981; JENNINGS e MARKUS, 1984; BECK e JENNINGS, 1991; TEIXEIRA, 1987; ABRAMSON, 1989)¹.

A continuidade da discussão é importante, pois as mais radicais dentre as perspectivas revisionistas - aquelas que tratam a identificação partidária como um fenômeno relativamente volátil, e prontamente suscetível a alterações, como resposta a influências de curto prazo, como um registro atual de influências tanto contemporâneas quanto históricas, e portanto endógeno a análises do comportamento eleitoral individual de curto prazo - desafiam o paradigma teórico amplamente aceito sobre o processo de decisão de voto apresentado em The American Voter. Este modelo analítico, mais recentemente elaborado por Shanks e Miller (1991), assume - entre outras coisas - uma estrutura causal na decisão de voto na qual a continuidade temporal se apresenta na forma de predisposições estáveis e de longa duração, (que incluem a identificação partidária, mas não se limitam a ela) que definem respostas a influências de curto prazo e específicas a eleições.

A discussão derivada da identificação partidária, sua medição e significado, e, em particular, igualmente um estudo de caso no sentido de fornecer uma definição operacional para um conceito que então permita delinear circunstâncias que testem a significância do conceito conforme mensurado. Este artigo contribui para a discussão da identificação partidária ao identificar um conjunto de circunstâncias sob o qual a medida básica da identificação partidária, aplicada a um significativo corpo de eleitores, produziu resultados totalmente alinhados ao conceito original de uma predisposição durável e extremamente impermeável às

¹ O trabalho mencionado de M. Kent Jennings e seus colegas Paul A. Beck e Richard G. Niemi sobre vários problemas relacionados às origens e atributos da identificação partidária não foi amplamente considerado pela maioria dos estudiosos escrevendo sobre o tema. Em particular, os estudiosos do comportamento eleitoral preparam pouca atenção àquela evidência derivada do painel de estudo de socialização política para dezessete anos e três gerações, que foi desenvolvido e mantido por JENNINGS e MARKUS, 1984; JENNINGS e NIEMI, 1968, 1974, 1978, 1981; NIEMI et al, 1980; NIEMI e JENNINGS, 1991.

mudanças em eventos eleitorais específicos. Além disso, consideramos brevemente o realinhamento massivo e aparentemente durável de identificações partidárias na região Sul do país, ocorrido entre 1960 e 1988. Finalmente, a discussão identifica dois diferentes grupos de circunstâncias envolvendo o realinhamento nacional de clivagem partidárias ocorridas entre 1980 e 1988.

Nosso argumento é direto. O período que se estende do início dos anos 60 até meados dos anos 80 foi um período tumultuado na política nacional americana. Acontecimentos turbulentos e os dramáticos fracassos da liderança nacional levantaram sérias questões sobre muitas de nossas instituições políticas. Acreditamos que isto moldou as predisposições básicas das jovens coortes de eleitores que atingiram a idade para votar a partir de 1968. Mas não afetou de modo semelhante as gerações mais velhas. Trata-se de um período que produziu efeitos geracionais que alteraram os parâmetros básicos da política nacional americana.

A evolução dos National Elections Studies para uma série temporal abrangendo quase quatro décadas facilita em muito o questionamento do impacto dos acontecimentos históricos públicos no corpo político. Neste artigo, examinaremos a possibilidade de que as últimas três décadas tenham sido repletas de eventos que tornaram o envolvimento das gerações mais jovens de eleitores distintamente diferente daquele dos mais velhos. Acreditamos que os eventos relevantes tiveram início com os tumultos urbanos e a violência do movimento dos direitos civis no final dos anos 60, e se estenderam com os assassinatos dos Kennedy e do Reverendo King. Os acontecimentos que moldaram a primeira geração pós-New Deal incluíram a evolução do protesto político para um movimento nacional de contracultura; se ampliaram no protesto triunfal e no trágico final da guerra do Vietnam, e na desilusão com a presidência Nixon.

Ainda é muito cedo para saber se as administrações Carter, Reagan e Bush restauraram uma estabilidade similar àquela que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Vamos observar indicadores que sugerem o retorno a uma certa normalidade, mas vamos também perceber as contínuas conseqüências de tais experiências prolongadas como a impotente presidência Carter, o fiasco Irã-Contra sob Reagan, e as crises domésticas, sociais e econômicas do final da década.

As experiências nacionais do período entre meados dos anos 60 e o final dos 80 certamente não foram totalmente ruins. Não obstante, as coortes que atingiram a maioria durante esta época parecem trazer as cicatrizes de um ambiente de socialização que influenciou o desenvolvimento de suas identidades como partidárias, e aparentemente retardou sua mobilização enquanto eleitores. A distinção da primeira geração pós-New Deal é o tema geral deste artigo; estamos principalmente interessados na contribuição singular desta geração para com os contornos nacionais da identificação partidária.

Em um artigo anterior, comentamos por extenso algumas das limitações técnicas encontradas no uso dos NES - National Elections Studies como meio de análises geracionais ou de coorte. Em particular, percebemos os obstáculos de documentar em que medida a aparente distinção geracional foi ou não simplesmente uma fase passageira no ciclo de vida de uma nova geração. Também apresentamos um esquema analítico apropriado ao exame das diferenças geracionais no comparecimento eleitoral quando consideradas diversamente as diferenças na identificação partidária, educacionais e outras diferenças que separam umas gerações das outras (MILLER, 1992).

Visando estabelecer uma continuidade com os resultados daquela análise de comparecimento eleitoral, utilizamos nesta discussão o mesmo esquema analítico. Nosso objetivo básico é comparar cidadãos que diferem quanto à natureza das épocas políticas que influenciaram seu conhecimento sobre o mundo da política, e épocas que moldaram suas identificações, percepções, valores e preferências nessas questões. Devido às extraordinárias diferenças quanto à formação educacional associadas a diferentes gerações políticas, os efeitos associados à educação receberam particular atenção.

Um dos mais recentes e esclarecedores artigos numa longa série de análises de coorte é a cuidadosa discussão sobre "Gerações e Mudança Política nos Estados Unidos" de Abramson (1989). Este artigo, assim como o imediatamente precedente a essa discussão (MILLER, 1992), se interessa tanto em utilizar análises de coorte para compreender a mudança agregada nos parâmetros nacionais, quanto para entender as dimensões teóricas da identificação partidária em si. No modelo de Abramson, a presente discussão também se dirige a ampliar nossa compreensão sobre as dramáticas mudanças na distribuição nacional da identificação partidária, ocorridas nos últimos 30 anos. Ao fazê-la, entretanto, estaremos inevitavelmente considerando implicações para nosso enfoque sobre a natureza da identificação partidária.

Gerações políticas e épocas eleitorais

Assim como na análise anterior de Abramson, a presente discussão baseia-se numa investigação inicial de dezessete coortes de quatro anos, em cada uma das dez eleições cobertas pelos estudos presidenciais do NES/Michigan. As coortes são definidas pelos anos eleitorais nos quais indivíduos estiveram pela primeira vez habilitados para votar para presidente, e foram examinadas na região Sul e fora da região Sul, separadamente, para cidadãos negros e não negros, para eleitores, não eleitores e para o eleitorado total. Novamente, a apresentação foi simplificada pela restrição da análise a eleitores não negros, pela combinação das dezessete coortes para formar três gerações, e pela combinação de dez eleições em três épocas

eleitorais. Tanto a definição operacional das gerações quanto a vinculação das épocas foram definidas por uma combinação entre regularidades empíricas observadas e o desejo de adaptar noções apriorísticas (período pré-New Deal antes de Franklin D. Roosevelt, período pós-New Deal após Lyndon Johnson) que poderiam ser facilmente comunicadas.

A mais velha dentre as gerações, a geração pré-New Deal, consiste de cidadãos cujas primeiras eleições, e portanto presumivelmente, os períodos de politicização como pré-adultos, ou jovens adultos, precederam a primeira eleição de Roosevelt em 1932. A geração seguinte foi socializada predominantemente sob a liderança presidencial democrata. Consiste daqueles cujos primeiros anos de habilitação para o voto podem ter abarcado a primeira eleição de Roosevelt em 1932 ou qualquer uma das eleições subseqüentes até 1964. Assim, os períodos do New Deal, do Fair Deal, do New Frontier e da Great Society² definem uma época eleitoral dominada pela geração New Deal.

A terceira geração em nossa análise consiste daquele grupo ainda crescente de cidadãos, cujas experiências de vida como jovens adultos, incluem a revolução do final dos anos 60, a guerra do Vietnam, a contracultura, e os escândalos de Watergate na administração Nixon. Esta geração pós-New Deal está em aberto e ainda em crescimento; ela portanto também inclui aqueles socializados pelos dramas políticos associados às presidências de Carter, Reagan e Bush. De fato, uma das características marcantes nesta análise consiste de evidência que sugere que eleitores que atingiram a maioria em 1980, 1984 e 1988 têm muito em comum com as coortes de 1968, 1972 e 1976, incluindo-se os atributos que as distinguem das coortes mais velhas da geração New Deal (MILLER, 1992)³.

As épocas eleitorais definidas para análise são, em parte, estabelecidas pela disponibilidade dos dados eleitorais adequados a essas três gerações. O primeiro período de tempo inclui as eleições de 1952, 1956 e 1960. (Teria sido de grande ajuda se o período tivesse iniciado com estudos nos anos 30, ou ao menos os anos 40. O ponto limite, 1960, foi selecionado porque marcou o ponto alto do comparecimento eleitoral do pós-guerra.) As eleições dos anos 50 foram dominadas pelas gerações pré-New Deal e New Deal. O período seguinte de tempo, 1964-1976, inclui duas vitórias eleitorais dos democratas e dos republicanos, e abrange a emergência da geração pós-New Deal e o rápido declínio da geração pré-New Deal. O terceiro período de tempo começa com a eleição de Reagan de 1980 e abrange a

² Respectivamente, períodos Franklin D. Roosevelt, Harry S. Truman, John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson.

³ Além disso, há em nossas caracterizações de diferenças geracionais um notável e tranquilizador paralelismo e complementaridade com os relatórios de Jennings et al nas comparações com uma coorte de dois anos de filhos, com sua geração de pais. Os achados de nossas séries de interseções independentes e o estudo de três ondas são consoantes em cada dimensão onde é possível a comparação direta com a literatura publicada.

época na qual a geração pós-New Deal define crescentemente o eleitorado (MILLER, 1992), e na qual o comparecimento eleitoral atinge um baixo ponto, acompanhando 1960.

Tanto a nossa discussão anterior (1992) sobre o papel da identificação partidária afetando o declínio do comparecimento eleitoral, quanto a presente discussão, têm a intenção de estabelecer questões conceituais e teóricas a respeito da natureza básica e o papel da identificação partidária. Mas nenhuma fornece mais que uma atenção rápida sobre as mudanças na identificação partidária do cidadão negro. Isto ocorre porque o impacto dos eventos políticos associados aos movimentos pelos direitos civis e a competição partidária nacional pelo voto negro, tanto invadem quanto complicam a análise da natureza transformadora e o papel da identificação partidária entre cidadãos negros.

Certamente há mais a ser aprendido sobre identificação partidária através de uma análise de diferenças em experiências raciais, mas essa exploração deve acontecer mais tarde. Um segundo constrangimento quanto à generalização a partir de nossas conclusões está imposto pela nossa decisão de apenas focar os eleitores. Esta decisão reflete descobertas anteriores de que a identificação partidária de não-eleitores aparentemente responde por grande parte da confusão que tem acompanhado as tentativas de estabelecer as origens, a natureza durável e as conseqüências da identificação partidária (MILLER, 1991a).

Diferenças geracionais na identificação partidária e no comparecimento eleitoral

Nossa análise do declínio do comparecimento eleitoral nos últimos 30 anos concluiu que o problema do declínio (face ao aumento do nível educacional dos cidadãos e do relaxamento nos limites legais ao voto) está transformado, mas não resolvido, pela aplicação de uma análise de coorte/análise geracional (MILLER, 1992). Observamos que dos anos 50 até os 80 não houve declínio nas taxas de comparecimento eleitoral nas coortes de nove anos eleitorais da geração New Deal, definida de forma ampla; e a taxa constante de participação no dia de eleição traz dúvidas quanto a algumas das explicações para o declínio baseadas na pressuposição de uma exclusão individual do cidadão do envolvimento político. Em vez de explicações sobre o desengajamento, enraizadas no declínio dos sentimentos de confiança do cidadão, em sua crescente sensação de alienação, na perda de confiança em sua eficácia como participante, ou na deterioração de um sentido compartilhado de obrigação civil, o argumento é, ao contrário, de que taxas agregadas de declínio no comparecimento às urnas em 1988 foram o resultado direto do crescimento contínuo de uma geração pós-New Deal notavelmente não-participativa enquanto componente do eleitorado.

Em busca da explicação para as diferenças geracionais no comparecimento eleitoral, observou-se que a geração pós-New Deal diferia da geração mais velha tanto na incidência de identificação partidária quanto nas diferenças de comparecimento entre pessoas com e sem identificação partidária. O declínio agregado na proporção de pessoas com identificação partidária entre cidadãos não-negros desde o final dos anos 50 até o final dos 70 (intensamente tratados na literatura como evidência de desalinhamento, refletindo uma rejeição massiva ao sistema partidário tradicional) deu-se quase que completamente em função da baixa incidência de identificação partidária, ou da alta incidência de “independentes”, na rapidamente crescente geração pós-New Deal. Dado o padrão persistente que mostra pessoas sem identificação partidária votando menos que as com identificação, a maior incidência de independentes significou uma queda geral nas taxas de comparecimento.

Embora esse fato possa ser visto como uma consequência menos direta do aumento dos eleitores pós-New Deal numa era antipartido, há um segundo aspecto de não tão fácil explicação. Os independentes da geração pós-New Deal detêm um registro de comparecimento ainda menor (em comparação com o registro de comparecimento dos pós-New Deal com identificação partidária) do que o dos independentes da geração New Deal mais velha (quando comparado com seus pares no partido). Conseqüentemente, é claro, embora existam diferenças intergeracionais no comparecimento daqueles com identificação partidária, as diferenças geracionais de comparecimento são muito maiores entre os sem identificação partidária.

Os resultados da análise são compatíveis com as expectativas de que, já que a identificação partidária traz o envolvimento e a participação de cidadãos na política, a ausência da identificação partidária é associada com envolvimento e participação menores. A reduzida incidência de identificação partidária na geração pós-New Deal é consistente com o argumento de Beck, de que períodos de desalinhamento agregado ou de realinhamento tornam-se possíveis pelo afrouxamento de ligações intrafamiliares e por uma propensão maior de jovens adultos a projetarem seu próprio curso, pois são influenciados por eventos políticos que dominam o momento em que se tornam maiores de idade (BECK, 1974 e 1977). Isso nos deixa, entretanto, com um novo problema sobre a variação através das gerações do comportamento das pessoas com e sem identificação partidária.

Teoricamente, faz sentido observar que diferenças geracionais possam ser minimizadas entre pessoas que têm em comum uma identificação com um partido político. Mas, deixando de lado uma possível explicação parcial, enraizada nos efeitos de ciclo de vida (que foi avaliada e rejeitada no artigo sobre comparecimento eleitoral, MILLER, 1992), não existe uma explicação óbvia e teoricamente

satisfatória para ambas as séries de diferenças geracionais, e particularmente não há explicação para a taxa extraordinariamente baixa de comparecimento eleitoral relativo entre os independentes pós-New Deal.

Diferenças geracionais no equilíbrio partidário da identificação partidária

Como um primeiro passo para ampliar este questionamento, é útil retornar à análise da incidência variável de pessoas com identificação partidária e dos independentes através de um exame paralelo dos eleitores não negros sulistas e não-sulistas. Neste ponto, nosso interesse em examinar alterações nos parâmetros nacionais muda do declínio no comparecimento às urnas, para o realinhamento partidário do final dos anos 80. A comparação regional das alterações através dos últimos trinta anos explica evidências, que de outra forma seriam conflitantes, sobre a natureza da mudança na identificação partidária.

Ao focar primeiramente cidadãos que vivem fora dos treze estados do Sul, encontramos confirmação de uma generalização anterior, que propõe a estabilidade relativa da identificação partidária, no decorrer de grande parte do período precedente à eleição de 1984 (MILLER, 1991a)⁴. Conforme a Tabela 1 revela, no Norte existem notáveis diferenças geracionais dentro de ambos os períodos iniciais de nosso esquema analítico, mas não existem efeitos de período ou de ciclo de vida significativos alterando o equilíbrio partidário na transição entre os anos 50 e final dos 60/início dos 70. Dentre ambas gerações e dentre todos os três sub grupos de nível educacional, apresentados na Tabela 1, o equilíbrio líquido das identificações republicanas e democratas entre eleitores não negros fora do Sul manteve-se essencialmente inalterado⁵. Isto não é surpreendente, dada a outra evidência da estabilidade agregada entre eleitores não-sulistas (MILLER, 1991a). Vemos agora que uma maior desagregação, por nível educacional e geração combinados, ainda não traz evidências de mudanças significativas na identificação partidária ao longo do um quarto de século coberto pela análise.

No entanto, está igualmente claro que a era Reagan/Bush nos anos 80 realmente causou uma acentuada diminuição nas maiorias democratas anteriores e, entre os eleitores com maior nível educacional, um distinto aumento nas maiorias

⁴ Seguindo o argumento exposto em "Back to Basics", apenas três categorias geradas pela primeira questão evocando identificações partidárias são utilizadas. A distinção forte/fraco entre pessoas com identificação partidária é ignorada, pessoas sem identificação "*tendendo para algum lado*" são categorizados como independentes.

⁵ Este não é o caso para o baixo nível educacional na geração pré-New Deal; entretanto, os números de 1964-76 baseiam-se em pequenas amostragens. Além disso, uma desagregação temporal nos dois períodos de tempo não revela nenhuma outra variação substancial ano a ano além daquela associada com o erro amostral.

republicanas. Embora exista certa irregularidade ao longo de comparações educacionais e dentro das comparações geracionais, em geral houve uma mudança total pró-republicana de cerca de dez a quinze pontos entre a época da primeira eleição de Reagan e da primeira vitória de Bush (SHANKS e MILLER, 1991)⁶.

Há pelo menos quatro aspectos notáveis quanto à contribuição da geração pós-New Deal para a mudança nos contornos da identificação partidária entre eleitores do norte: primeiro, claramente a entrada da geração pós-New Deal no eleitorado beneficiou o partido democrata, pelo menos em termos relativos, na virada da década de 1970. Entre eleitores com pelo menos alguma educação superior, por exemplo, a maioria democrata dentro da geração pós-New Deal no período de 1964-1976 contrastou com uma maioria republicana de 15 pontos entre eleitores da mais velha geração New Deal, de similar formação escolar, para o mesmo período de tempo. A diferença geracional de 21 pontos decaiu para 13 pontos nos últimos anos Reagan-Bush: não obstante, o fato de que a força republicana nos anos 80 foi maior no segmento New Deal do eleitorado, o qual declinara tanto em números relativos quanto absolutos nos anos imediatamente posteriores, dificulta qualquer projeção quanto à futura sorte dos partidos.

Um segundo aspecto digno de nota quanto às contribuições geracionais para as mudanças no equilíbrio partidário é fornecida pela indicação de que, após os anos 70, a geração pós-New Deal liderou o crescimento absoluto na força republicana e um declínio relativo nas fileiras democratas nos anos 80. As identificações com republicanos cresceram em toda categoria geracional/educacional, mas mais agudamente naquelas envolvendo a geração pós-New Deal.

Menos evidente, mas talvez de significado teórico maior, são as origens específicas da mudança pós-1976 no equilíbrio partidário dentro das fileiras pós-New Deal. Em primeiro lugar, os números de pessoas com identificação democrata não declinaram de forma apreciável, tanto entre os grupos com educação superior quanto secundária. Em segundo lugar, as proporções dos republicanos realmente cresceram - em 13 pontos entre aqueles com educação superior e 15 pontos no grupo com educação secundária. Ambos os fatores poderiam ocorrer, é claro, apenas porque o crescimento republicano se deu às custas de um declínio análogo nos números dos eleitores sem identificação partidária. E o estoque daqueles sem identificação partidária, por sua vez, foi produzido por uma proeminência

⁶ Em outro lugar, reportamos uma queda na maioria democrata dentre todos eleitores em 1980, de 14 pontos percentuais para 3 pontos em 1988, em nossa análise da eleição de 1988. Note-se que a mudança no equilíbrio partidário ocorreu depois da eleição de Reagan em 1980, não antes. No artigo anterior Political Behavior sobre comparecimento eleitoral (MILLER, 1992), refletimos sobre a importância dos tamanhos variáveis de nossas categorias analíticas. Em poucas palavras, a geração New Deal está acabando - os mais jovens tinham 50 anos em 1990 - e a geração pós-New Deal - os "Baby-Boomers" - está crescendo rapidamente, particularmente no caso daqueles com alguma formação escolar.

extraordinária entre as coortes pós-New Deal que foram mobilizadas para votar nas eleições de 1968, 1972 e 1976. Em ambos os níveis educacionais, menos do que um em dois dentre todos eleitores da geração pós-New Deal foram às urnas naquelas eleições com identificação partidária. No período eleitoral seguinte, a época eleitoral Reagan/Bush, as proporções de independentes caíram para magnitudes similares àquelas da geração New Deal do período anterior.

No Sul, a história foi dramaticamente diferente. Como foi observado em outro lugar (BLACK e BLACK, 1987; MILLER, 1991a), um realinhamento dos eleitores sulistas começou com a eleição Kennedy em 1960. Embora o realinhamento não tenha influenciado acentuadamente aqueles com menor formação escolar (com menos de nove anos de educação formal), a erosão da força democrata e o crescimento nos números republicanos no Sul começaram imediatamente após aquela eleição, e, conforme mostra a Tabela 2, a taxa de mudança foi função direta da educação. Entre os membros da geração pré-New Deal, por exemplo, as majorias democratas dos anos 50, da educação primária à superior, atingiram de 33 pontos percentuais entre aqueles com menor formação até 58 pontos entre aqueles com educação universitária. Trinta anos mais tarde, nos anos 80, os números comparáveis para a geração New Deal foram de uma margem de 55 pontos para os democratas entre as pessoas com escolaridade primária, 28 pontos para aqueles com educação secundária, e dois pontos percentuais dentre os eleitores com formação universitária.

O realinhamento iniciado nos anos 60 prosseguiu nos anos Reagan/Bush, mas a mais ampla mudança aconteceu no período do trauma político do final dos anos 60 e início dos 70, com a maior alteração ocorrendo entre os eleitores sulistas com maior nível educacional. Entre os anos 70 e 80, as tendências seguiam a mesma direção que as do Norte, mas a mudança ocorreu mais lentamente do que nas décadas precedentes. Mesmo assim, no decorrer de nossos três períodos de tempo a imagem é a de um contínuo realinhamento que, por volta de 1988, produziu uma total erosão virtual da então dominância democrata nos estados sulistas.

No Norte, o crescimento da força republicana foi incentivado pelo contingente impressionantemente alto de eleitores afirmando nenhuma identificação partidária nas fileiras da geração pós-New Deal. No Sul, a mesma geração pós-New Deal contribuiu com um número muito menor de eleitores com nenhuma identificação partidária. É verdade que, dentre os com educação superior no Sul, os 30% de eleitores New Deal sem identificação, foram claramente excedidos pelos 45% dos independentes entre os eleitores pós-New Deal; mas no Norte, os 29% dos eleitores sem identificação partidária dentre os com educação superior do grupo New Deal foram suplantados pelos independentes, que constituíram 54% das mais numerosas coortes pós-New Deal. Dentro do grupo com

educação secundária no Sul, as proporções New Deal e pós-New Deal de, respectivamente, 26% e 27% dos sem identificação partidária, foram comparáveis aos 29% e 54%, respectivamente, no Norte. No Sul, o crescimento republicano beneficiou-se de Reagan e Bush, e nos anos Reagan/Bush não ocorreu em função dos números em declínio dos independentes, mas pareceu vir bem diretamente das fileiras democratas (BLACK e BLACK, 1987). No Norte, a mudança no equilíbrio partidário ocorreu apenas subsequente à mobilização de não-partidários nos anos 70 e parece ter derivado em grande parte de suas fileiras.

Em ambas as regiões, as mudanças nos números dos partidos foram acompanhadas, senão provocadas, por um realinhamento dos grupos sociais. Já observamos que no Sul as correlações educacionais da identificação partidária foram completamente invertidas. Naquela região, os eleitores com educação universitária sofreram um realinhamento maciço, na medida em que as maiorias democratas de 60% (80 democratas para cada 20 republicanos) foram substituídas pela paridade, ou mesmo por uma pequena vantagem republicana na geração pós-New Deal. Entre aqueles com menor formação escolar, entretanto, simplesmente não houve um declínio perceptível na preponderância dos democratas. O resultado líquido foi associar preferências democratas a eleitores com menor formação escolar, e preferências republicanas àqueles com nível universitário.

No Norte, a composição social dos agrupamentos partidários também se alterou, mas de uma forma um tanto diferente. O entendimento das alterações na identificação partidária no Norte é dificultada pelas diferenças geracionais nas correlações sociais de preferências partidárias. Conforme a Tabela 3 sugere, tanto nos períodos inicial quanto intermediário, membros da geração pré-New Deal apresentaram uma forte e tradicional correlação entre republicanos e um maior nível escolar, e democratas com um menor nível escolar. Em todos os três períodos de tempo, a correlação educação/preferência partidária dentro da geração New Deal ainda era substancial, embora aparentemente estivesse em declínio nos anos 80. Dentro dos grupos pós-New Deal, entretanto, não há muita questão além daquela em que a identificação partidária nos anos 80 era apenas uma função limitada da educação formal, com todas as vantagens sociais e econômicas que a educação representa. Enquanto a composição social dos grupos partidários no Sul sofreu uma inversão revolucionária, a comparável relevância da obtenção de níveis educacionais entre eleitores no Norte foi simplesmente obscurecida.

Se as correlações educacionais da identificação partidária foram dramaticamente diferentes nos anos 80, algumas das correlações políticas de identificação partidária na geração pós-New Deal foram talvez surpreendentemente familiares. Por exemplo, embora uma grande proporção de republicanos na mais nova geração fosse de recém-chegados ao partido, seus votos nas eleições dos anos 80 se encaixaram em cada detalhe com o partidário dos republicanos das gerações

mais velhas. Conforme a tabela 4 indica, a votação partidária da geração pós-New Deal não foi diluída em qualquer das margens⁷.

Partido e políticas

Além disso, no que se refere a um número de questões sobre preferência por políticas públicas, as diferenças de partido dentro das coortes pós-New Deal foram mais agudas do que dentro das coortes mais velhas. Isso foi particularmente verdade para as atitudes em relação a temas contemporâneos, como gastos de defesa, ajuda governamental a minorias, apoio popular a líderes de direitos civis, e aborto. Em cada um destes tópicos a adição das jovens coortes pós-New Deal ao eleitorado acentuou a questão da polarização dos eleitores partidários. Em cada caso, democratas mais jovens com identificação partidária foram distintamente mais liberais do que os democratas mais velhos da geração New Deal. Na questão da ajuda governamental a minorias, jovens republicanos expressaram uma oposição ate maior do que a de republicanos da geração New Deal; o mesmo se deu com jovens republicanos no grupo com formação secundária, no que se refere a aborto e gastos com defesa. No mais, os jovens republicanos mais foram colaboradores passivos na crescente polarização partidária, pelo fato de estarem simplesmente mais à esquerda do que as coortes partidárias mais velhas, do que os jovens democratas estiveram à esquerda de suas coortes mais velhas. A configuração que reflete uma acentuada polarização temática, para a qual a ainda crescente geração pós-New Deal contribuiu, está tipificada na Tabela 5.

Um padrão bem diverso de diferenças geracionais caracterizou outro bloco de questões incluindo tópicos tão diversos e duráveis como a détante, a expansão dos serviços governamentais e dos gastos domésticos, um papel ativo do governo federal na manutenção de empregos e de um alto padrão de vida, e a igualdade sexual. Em cada um destes tópicos diferenças partidárias dentro da geração pós-New Deal simplesmente foram paralelas às diferenças partidárias dentro das coortes mais velhas da geração New Deal, mas em cada caso as atitudes dos eleitores mais jovens, fossem republicanos, independentes ou democratas, estiveram destacadamente à esquerda daquelas da geração New Deal. E, de forma geral, jovens republicanos com identificação partidária estiveram em cada fator mais à esquerda que suas coortes mais velhas, assim como jovens democratas estiveram à esquerda de suas coortes mais velhas. Isso foi fato tanto para os temas domésticos, nos quais os partidos tradicional e agudamente se dividem (gastos e serviços públicos; empregos e padrão de vida) quanto para as questões mais

⁷ Para uma discussão mais detalhada sobre a estabilidade da votação partidária através do tempo, ver MILLER, 1989, 1991a e 1992.

recentes e menos partidárias, como as relativas à igualdade sexual. Este padrão de diferenças geracionais é capturado pela Tabela 6.

Implicações para o futuro

Comparados aos resultados de nossa investigação sobre mudanças de composição induzidas por gerações na identificação partidária de eleitores, os indicadores das diferenças geracionais sobre preferências por políticas desafiam nossa previsão do futuro, pois fornecem novas abordagens sobre a conseqüência da composição geracional em mudança do eleitorado.

Vamos voltar um instante à Tabela 1, para acentuar esta questão: os dados republicanos na Tabela 1 trazem pelo menos algumas expectativas. Por muito tempo foi parte do senso comum pensar que o eleitorado se tornou mais "democrático" conforme a geração pré-New Deal desaparecia e foi substituída pelas coortes da época do New Deal - Great Society. Com um realinhamento de controle partidário favorecendo os republicanos, as coortes New Deal, por sua vez, teriam que ser substituídas por uma nova geração, que seria claramente pró-republicana (ou ao menos, menos democrata). É evidente agora, entretanto, que o componente de crescimento do eleitorado, a geração pós-New Deal predominantemente com educação superior, é menos republicano (e igualmente menos democrata) quando comparada com as coortes New Deal que estão envelhecendo.

Num cenário politicamente estático, controlado inteiramente por taxas demográficas de mortalidade, a inexorável troca geracional dentro do grupo de educação secundária teria um impacto mínimo no equilíbrio partidário, mas a desapareção dos New Deal com educação superior reduziria, e não aumentaria, a margem republicana. Assim como nossas três gerações são agudamente diferentes em suas taxas médias de comparecimento eleitoral, com cada geração sucessivamente comparecendo às urnas em taxas abaixo daquelas da próxima geração mais velha, também cada geração sucessora foi menos republicana e relativamente mais democrata que a sua imediatamente anterior⁸. Estas diferenças vêm como uma surpresa, obscurecida pela mudança global nacional favorecendo os republicanos no meio e final dos anos 80. E agora, para completar tal complexidade, as coortes que estão desaparecendo, predominantemente as conservadoras com identificação partidária republicana, serão aparentemente sucedidas por contingentes visivelmente mais liberais da geração pós-New Deal.

⁸ No que se refere a diferenças geracionais no comparecimento eleitoral, ver MILLER, 1992.

Implicações para a identificação partidária

No nível agregado no qual se dão os parâmetros nacionais, a análise geracional é uma ferramenta útil para diagnósticos. Aprendemos, por exemplo, que a geração pós-New Deal não apenas contribuiu massivamente para uma fase passageira de diminuição do partidarismo do eleitorado, como também contribuiu para 30 anos de declínio no comparecimento eleitoral nacional. A geração pós-New Deal está continuamente contribuindo para o realinhamento das bases sociais das políticas democrata e republicana, e isto está levando a mudança para longe da dominância democrata e em direção a uma paridade entre os dois partidos. Ao mesmo tempo, ela traz problemáticas extrapolações para o futuro, porque nos anos 80 ela continha menos republicanos com instrução universitária do que possuíam as coortes mais velhas da geração New Deal, e em ambas as margens ela prometeu maior apoio para as políticas governamentais liberais do que tem sido oriundo da geração New Deal.

A análise nesta discussão também traz implicações para um número de teorias sobre a natureza da identificação partidária. Primeiro, temos agora três grandes séries de dados temporais referentes à estabilidade e mudança. Na trilha de várias análises enfatizando a mudança a curto prazo na identificação partidária - a maioria baseada no eleitorado habilitado total, tanto do Sul assim quanto do Norte, negro e não-negro, e não-eleitores e eleitores, votando em um número limitado de eleições - o recorde histórico de eleitores do Norte e não negros oferece uma resistência notável à mudança através de um período de trinta anos, 1952 até 1980. E, enquanto a distribuição líquida agregada geralmente esconde variações brutas de nível micro, é difícil imaginar tal estabilidade através do tempo como sendo o produto de uma ampla alternância de mudanças compensatórias favorecendo primeiro um partido e depois o outro, seja no nível agregado ou no individual do eleitor.

Por outro lado, para um intervalo igualmente longo entre 1960 e 1988, os eleitores do Sul repetiram um realinhamento contínuo de apoio aos partidos Democrata e Republicano. Tanto a erosão da dominância democrata e a mudança nas clivagens sociais, diferenciando os partidos, são mais evidentes nas gerações pós-New Deal mais jovens, no Sul. De forma mais geral, entretanto, o modelo sulista para descrever mudanças parece envolver uma troca direta de lealdades de partido - os números republicanos crescem conforme os números democratas diminuem. É certamente bem possível que o padrão de mudança agregada unidirecional pudesse estar baseado numa matriz de transformação povoada por democratas, primeiro se tornando não-partidários e então transformando-se em republicanos. Isto seria consistente com a tese de Beck, de que um afrouxamento nos laços de transmissão intra-familiar precederia o realinhamento (BECK, 1974 e

1977). No entanto, o tratamento deste realinhamento por Earl e Merle Black é entretanto, bem razoável como uma versão regional de uma conversão de identificações estabelecidas por políticas em identificações partidárias (BLACK e BLACK, 1987).

No Norte, o último realinhamento de 1980 a 1988 sugere modelos de mobilização nos quais não-partidários movem-se assimetricamente para um partido. Duas fases capturam a transformação nos anos Reagan: a primeira fase foi uma resposta positiva pelos cidadãos mais jovens e menos politizados à liderança republicana de Reagan. A segunda fase engajou os eleitores mais velhos e mais politizados, que foram levados a adotar identificações partidárias republicanas conforme começaram a identificar a si mesmos como conservadores (SHANKS e MILLER, 1991). Agora, parece que o primeiro bloco de mudanças pode ter uma fonte única na geração pós-New Deal sem partidarismo que incentivou o realinhamento no Norte.

As três configurações de estabilidade e mudança sugerem que generalizações unitárias tais como "identificação partidária é uma soma corrente de... (avaliações de desempenho, preferências temáticas, traços de liderança)" são mais enganosas do que úteis. A maior conotação de "soma corrente" é a suscetibilidade à mudança, caracterizada por uma maleabilidade que pode ser formatada por forças vacilantes de curto prazo. Os dados revisados nesta discussão são compatíveis com a principal evidência de que fatores influenciando a formação - e a mudança - de identificações partidárias estão freqüentemente bem distantes das influências socializadoras da tradição familiar. Evidências persuasivas do painel de Jennings argumentam que preferências temáticas primeiro substituem e então se suplementam a influência da família na formação de identificações partidárias de jovens adultos. Entretanto, nem nossos dados, nem os de Jennings, parecem convenientes para a caracterização de "soma corrente". Em conjunção com outras análises (MILLER, 1991a), a evidência de gerações mais velhas de eleitores não sulistas e não-negros na presente discussão sugere uma grande persistência e estabilidade das identificações partidárias, mesmo na presença de eventos que têm um grande impacto em eleitores jovens. Além disso, pode-se inferir que a mudança nas identificações dos jovens eleitores brancos no Norte, por sua vez, tem sido menos um problema de "nova soma" para aqueles já identificados com um partido, e mais um problema de uma "nova soma" que mobiliza jovens sem identificação partidária e os transforma em jovens adultos partidários. Dados de eleitores não-negros no Sul sugerem mudanças a longo prazo e unidirecionais (de 1960 a 1988) que têm sido diferentes de uma resposta efêmera a influências de curto prazo.

Em suma, as variantes retóricas sobre uma "soma corrente" como uma caracterização de identificação partidária são figuras de linguagem convenientes, que subestimam profundamente a - por vezes - estabilidade da identificação

partidária e que busca encobrir a variedade de circunstâncias específicas que podem conduzir a uma transformação durável. Com a resposta dos efeitos geracionais, poderemos começar a reordenar nossa compreensão das origens da identificação partidária e das subseqüentes origens de mudança.

Um dos maiores desafios restantes é o de compreender melhor os papéis da liderança partidária e das preferências por políticas na criação de novas identificações partidárias. A presente análise faz pouco mais do que afirmar a importância de se aprender mais. Por que deveriam os partidários pós-New Deal acentuar diferenças partidárias estabelecidas sobre questões de políticas públicas? Foi porque eles chegaram às suas identificações partidárias como resultado de sua preferência por políticas? Ou foi porque as preferências por lideranças, baseadas na avaliação da performance presidencial, os levaram às posições partidárias tomadas pelos líderes? Ou, para mencionar outra notável série de evidências, como se pode explicar as relativas tendências liberais de toda uma nova geração? A marcha rumo à esquerda dos Democratas pós-New Deal poderia ser vista como uma reação ao conservadorismo das administrações Reagan e Bush. Mas se as fileiras dos eleitores com identificação com o partido Republicano foram engrossadas por recém-convertidos ou por recém-mobilizados que votaram fielmente em um presidente republicano, por que eles estariam tão à esquerda dos partidários mais velhos em certas posições simbólicas do partido, tais como a oposição a um papel ativo do governo federal em questões domésticas?

A presente análise reenfatizou as correlações entre as políticas de identificação partidária, particularmente entre coortes da pós-New Deal. No entanto, nem esta nem qualquer outra análise contemporânea confrontou diretamente o papel da liderança partidária na articulação de normas partidárias para aqueles fiéis ao partido. Argumentei em outro lugar, (com uso de teoria e lógica, não de evidência empírica direta) que uma liderança partidária afirmativa deve freqüentemente ser o primeiro passo na conversão partidária e na aceitação da ortodoxia partidária no que se refere a políticas (MILLER e LEVITIN, 1976; MILLER, 1990).

Embora seja tentador simplesmente afirmar a importância de eventos politizadores que fazem das gerações políticas algo mais do que artefatos demográficos, as implicações para nosso entendimento das correlações substantivas da identificação partidária não podem ser ignoradas. O exame das diferenças geracionais no envolvimento político e nas preferências partidárias esclareceu a natureza de muitas mudanças nos parâmetros do comportamento eleitoral nacional americano. Em alguns casos, esclareceu os processos de mudança; em outros, substituiu de forma ampla uma série de explicações por outra. Mesmo no segundo caso, entretanto, ele freqüentemente retirou algum tipo de explicação que, de outra forma, poderia ter chamado nossa atenção. Em nenhum

caso a análise de coorte geracional forneceu uma resolução definitiva para problemas que confrontam nosso entendimento da mudança política. Ela trouxe, no entanto, nossa atenção de volta para as origens políticas da mudança.

Neste estágio do estudo do comportamento eleitoral, e dada a rica série de implicações oriundas de nossas análises geracionais, parece claro que verdadeiras "variáveis independentes" no estudo do comportamento eleitoral estão no mundo externo da política. Foi a experiência de uma geração socializada por uma época, de algum modo comunicada e transmitida pelos seus pares mais velhos, que criou a geração pós-New Deal. Com engenhosidade podemos, indo mais além, especificar os detalhes das origens da política daquela geração. A chave deve ser encontrada no impacto da série de eventos políticos, experiências e interpretações num subsequente bloco de identificações, valores, percepções e comportamentos que, de fato, vão constituir a política eleitoral dos anos 90.

Agradecimentos

Os dados utilizados nesta análise foram originalmente coletados no ISR - Institute for Social Research da Universidade de Michigan, sob os auspícios do Political Behavior Program of the Survey Research Center e do Center for Political Studies. Desde 1978 as coletas de dados têm sido designadas pelos National Election Studies e levadas adiante com financiamento da National Science Foundation. O processamento dos dados para este artigo foram feitos por Tao Wu e as várias versões do manuscrito foram produzidas por Amy Slaven. Sou grato a vários colegas por suas leituras críticas das primeiras versões. Agradecimentos especiais vão para meus colegas do ASU, John Geer, Pat Kenney e Ruth Jones.

Tabela 1
Incidência das identificações partidárias por período,
escolaridade e geração política:
eleitores brancos, do norte

Anos de Escola- ridade	Geração	Democrata			Independente			Republicano		
		1952- 1960	1964- 1976	1980- 1988	1952- 1960	1964- 1976	1980- 1988	1952- 1960	1964- 1976	1980- 1988
0-8 anos:	Pré-New Deal	41	53	*	23	18	*	36	29	*
	New Deal	55	58	48	23	17	24	22	25	28
	Pós-New Deal	--	*	*	--	*	*	--	*	*
9-12 anos:	Pré-New Deal	33	32	*	22	20	*	47	48	*
	New Deal	46	43	37	27	29	30	27	28	33
	Pós-New Deal	--	33	30	--	54	42	--	13	28
13 anos ou mais	Pré-New Deal	17	19	*	14	12	*	69	69	*
	New Deal	23	24	25	32	37	29	44	39	45
	Pós-New Deal	--	27	27	--	51	39	--	21	34

*Muito poucos casos para uma estimativa confiável. As três entradas para um dado período de tempo em cada linha somam 100% em linha.

Tabela 2
Incidência de identificações partidárias por período,
escolaridade e geração política
eleitores brancos, do sul

Anos de Escola- ridade	Geração	Democrata			Independente			Republicano		
		1952- 1960	1964- 1976	1980- 1988	1952- 1960	1964- 1976	1980- 1988	1952- 1960	1964- 1976	1980- 1988
0-8 anos:	Pré-New Deal	64	63	*	5	12	*	31	25	*
	New Deal	70	63	67	11	18	20	19	19	12
	Pós-New Deal	--	*	*	*	*	*	--	*	*
9-12 anos:	Pré-New Deal	53	57	*	20	16	*	27	27	*
	New Deal	78	55	47	13	26	34	9	18	19
	Pós-New Deal	--	43	40	--	27	32	--	30	28
13 anos ou mais	Pré-New Deal	68	43	*	22	19	*	10	38	*
	New Deal	59	46	35	19	30	32	22	24	33
	Pós-New Deal	--	33	33	--	45	31	--	22	36

*Muito poucos casos para uma estimativa confiável. As três entradas para um dado período de tempo em cada linha somam 100% em linha.

Tabela 3
Correlação entre direção partidária da identificação partidária (Democrata-
Independente-Republicano) e os anos de educação
eleitores brancos, do norte

Geração Política	Período		
	1952-1960	1964-1976	1980-1988
Pré-New Deal	0,24*	0,24	--
New Deal	0,18	0,16	0,13
Pós-New Deal	--	0,10	0,05

*Entrada é Tau.

Tabela 4
Voto Partidário - 1980-1988*

Educação	Geração Política	Identificação Partidária			
		Democratas	Republicanos	Tau	N
Escola Primária	Pré-New Deal	(100)**	--	0,86	39
	New Deal	82***	94	0,58	204
	Pós-New Deal	--	--	0,69	22
Escola Secundária	Pré-New Deal	(87)	(91)	0,74	74
	New Deal	78	92	0,64	859
	Pós-New Deal	77	80	0,59	567
Escola Superior	Pré-New Deal	(94)	(100)	0,58	43
	New Deal	74	95	0,57	627
	Pós-New Deal	79	97	0,68	923

*Entradas baseadas em dados pesquisados por NES em 1980, 1984 e 1988.

** () = menos de 30 casos.

*** Entradas são votos proporcionais para o candidato do partido do eleitor.

Tabela 5
Preferências por políticas, 1980-1988:
ajuda governamental a minorias*

Educação	Geração Política	Identificação partidária			Polarização partidária	
		Democrata	Independente	Republicano	Diferença da média partidária	Correlação **
Escola Primária	New Deal	-7***	-20***	-32***	25	0,09
	Pós-New Deal	--	--		-	--
Escola Secundária	New Deal	-7	-35	-41	34	0,16
	Pós-New Deal	+2	-31	-49	51	0,22
	Diferenças Geracionais	+9	+4	-8	+17	+0,06
Escola Superior	New Deal	+4	-18	-33	37	0,16
	Pós-New Deal	+15	-1	-42	57	0,24
	Diferenças Geracionais	+11	+17	-9	+20	+0,08

*Entradas baseadas em dados dos estudos NES de 1980, 1984 e 1988.

**A entrada é Tau, para identificação partidária por preferências temáticas não-combinadas.

***As entradas são médias baseadas nas proporções dos favoráveis à ajuda MENOS as proporções dos contrários à ajuda.

Tabela 6
Preferências por políticas, 1980-1988:
Aumento dos serviços públicos e gastos domésticos*

Educação	Geração Política	Identificação partidária			Polarização partidária	
		Democrata	Independente	Republicano	Diferença da média partidária	Correlação **
Escola Primária	New Deal	+46***	0	-26	72	0,29
	Pós-New Deal	--	--	--	--	--
Escola Secundária	New Deal	+29	-20	-41	70	0,32
	Pós-New Deal	+34	+10	-16	50	0,21
	Diferenças Geracionais	+5	+30	+25	-20	-0,11
Escola Superior	New Deal	+18	-20	-44	62	0,28
	Pós-New Deal	+44	+4	-38	82	0,33
	Diferenças Geracionais	+26	+24	+6	+20	+0,05

*Entradas baseadas nos dados do NES de 1980, 1984 e 1988.

**A entrada é Tau, correlação entre identificação partidária e preferências temáticas não-combinadas.

***As entradas são proporções de Sim MENOS proporções de Não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMSON, P. R. Generations and political change in the United States. *Research in Political Sociology*, v. 4, p. 235-280, 1989.

BECK, P. A. A socialization theory of partisan realignment. In: NIEMI, R. G. (ed.). *The politics of future citizens: new dimensions in the political socialization of children*. San Francisco: Jossey-Bass, 1974.

_____. Partisan development in the postwar south. *American Political Science Review*, v. 71, p. 477-96, 1977.

_____. Realignment begins: the republican surge in Florida. *American Politics Quarterly*, v. 10, p. 421-38, 1982.

_____. The realignment Era in America. In: DALTON, R. J.; FLANAGAN, S. C.; BECK, P. A. (ed.). *Electoral change in advanced industrial democracies*. Princeton: Princeton University Press, 1984. p. 240-66.

_____. Incomplete realignment: the Reagan legacy for parties and elections. In: JONES, Charles O. (ed.). *The Reagan legacy: promise and performance*. Chatam, NJ: Chatam House, 1989. p. 145-71.

BECK, P. A.; JENNINGS, M. K. Parents as "middle-persons" in political socialization. *Journal of Politics*, v. 37, p. 83-107, 1975.

_____. Political periods and political participation. *American Political Science Review*, v. 73, p. 737-750, 1979.

_____. Family traditions, political periods, and the development of partisan orientations. *Journal of Politics*, v. 53, n. 3, p. 742-763, 1991.

BELKNAP, G.; CAMPBELL, A. Political party identification and attitudes toward foreign policy. *Public Opinion Quarterly*, v. 15, p. 601-623, 1951.

BLACK, E.; BLACK, M. *Politics and society in the south*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P. E.; MILLER, W. E.; STOKES, D. E. *The american voter*. New York: Wiley, 1960.

CAMPBELL, A.; GURIN, G.; MILLER, W. E. *The voter decides*. Evanston, IL: Row, Peterson and Company, 1954.

CARMINES, E. G.; MCIVER, J. P.; STIMSON, J. A. Unrealized partisanship: a theory of dealignment. *Journal of Politics*, v. 49, p. 376-400, 1987.

CONVERSE, P. E. *The dynamics of party support: cohort analyzing party Identification*. Beverly Hills: Sage Publications, 1976.

CONVERSE, P. E.; MARKUS, G. A dynamic simultaneous equation model of electoral choice. *American Political Science Review*, v. 73, p. 1055-1070, 1979.

CONVERSE, P. E.; PIERCE, R. Measuring partisanship. *Political Methodology*, v. 11, p. 143-66, 1985.

CRITTENDEN, J. Aging and party identification. *Political Opinion Quarterly*, v. 26, p. 648-657, 1962.

FIORINA, M. P. *Retrospective voting in american national elections*. New Haven: Yale University Press, 1981.

FRANKLIN, C. H. Issue preferences, socialization, and the evolution of party identification. *American Journal of Political Science*, v. 28, p. 459-78, 1984.

FRANKLIN, C. H.; JACKSON, J. E. The dynamics of party identification. *American Political Science Review*, v. 77, p. 957-73, 1983.

GREEN, D.; PALMQUIST, B. Of artifacts and partisan instability. *American Journal of Political Science*, v. 34, p. 872-901, 1990.

JENNINGS, M. K.; MARKUS, G. B. Partisan orientation over the long haul: results from the three-wave political socialization panel study. *American Political Science Review*, v. 78, p. 1000-1018, 1984.

JENNINGS, M. K.; NIEMI, R. G. The transmission of political values between parent and child. *American Political Science Review*, v. 62, p. 169-184, 1968.

_____. *The political character of adolescence*. Princeton: Princeton University Press, 1974.

_____. Continuity and change in political orientations: a longitudinal study of two generations. *American Political Science Review*, v. 69, p. 1316-15, 1975.

_____. The persistence of political orientations: an over-time analysis of two generations. *British Journal of Political Science*, v. 8, p. 333-63, 1978.

_____. *Generations and politics*. Princeton: Princeton University Press, 1981.

MARKUS, G. B. The political environment and the dynamics of public attitudes: a panel study. *American Journal of Political Science*, v. 23, p. 338-359, 1979.

MATTEI, F.; NIEMI, R. G. Unrealized partisans, realized independents, and the intergenerational transmission of party identification. *Journal of Politics*, v. 53, n. 1, p. 161-174, 1991.

MILLER, W. E. Party identification and political belief systems: changes in partisanship in the United States, 1980-84. *Electoral Studies* 5, 2, p. 101-121, 1986.

_____. The electorate's view of the parties. In: MAISEL, S. (ed.). *The parties respond*. Boulder: Westview Press, 1990.

_____. Party identification, realignment and party voting: back to the basics. *American Political Science Review*, v. 85, 1991a.

_____. Party identification. In: MAISEL, S. (ed.). *Encyclopedia of american political parties and elections*. New York: New York Garland Publishing, Inc, 1991b.

_____. The puzzle transformed: explaining declining turnout. *Political Behavior*, v. 14, n. 12, 1992.

MILLER, W. E.; LEVITIN, T. E. *Leadership and change*. Cambridge, MA: Winthrop, 1976.

NIEMI, R. G.; KATZ, R. S.; NEWMAN, D. Reconstructing past partisanship: the failure of the party identification recall questions. *American Journal of Political Science*, v. 24, p. 633-51, 1980.

NIEMI, R. G.; JENNINGS, M. K. Issues and inheritance in the formation of party identification. *American Journal of Political Science*, v. 35, p. 970-987, 1991.

PAGE, B.; JONES, C. Reciprocal effects of policy preferences, party loyalties and the vote. *American Political Science Review*, v. 66, p. 979-985, 1979.

SHANKS, J. M.; MILLER, W. E. Policy direction and performance evaluation: complementary explanations of the Reagan elections. *British Journal of Political Science*, v. 20, p. 143-235, 1990.

_____. Partisanship, policy and performance: the Reagan legacy in the 1988 election. *British Journal of Political Science*, v. 21, p. 129-197, 1991.

TEIXEIRA, R. A. *Why americans don't vote: turnout decline in the United States, 1960-1984*. New York: Greenwood Press, 1987.

WEISBERG, H. A multidimensional conceptualization of party identification. *Political Behavior*, v. 2, p. 33-60, 1980.

Tradução de Cristina Meneguello.
Tradução e publicação autorizadas pelo autor.

Recebido para publicação em Janeiro de 1995.